

HOMO QUIDAM ERAT DIVES – HAVIA UM HOMEM RICO

Sermão para o nono domingo após a Festa da Trindade¹

*S. Tomás de Aquino*²

Havia um homem rico que tinha um administrador e este foi denunciado por dissipar os seus bens (Lc 16,1).

Prolegômenos

A abundante efusão de todas as graças que procede da plenitude do tesouro divino escondido no segredo das riquezas de Deus não pode ser conhecida por ninguém a não ser por aquele a quem Deus o revelar. E é por isso que Moisés pedia essa revelação ao dizer: Mostrai-me, Senhor, “o tesouro de tua fonte de água viva” (cf. Nm 20,6). Portanto, uma vez que o sermão nos impele a falar sobre as riquezas divinas, recorreremos Àquele “no qual se encontram escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Col 2,3), e roguemos etc.

Introdução

“Havia um homem” etc.

É bastante perigoso aos homens ignorar seus limites e seu tamanho, porque é assim que se elevam por cima de si mesmos no orgulho, pois se consideram senhores e não administradores das coisas. Diz Jó (21,15): “Quem é Onipotente para que o sirvamos?”, e também de modo semelhante: “O homem vão se eleva pelo orgulho e se imagina livre como o filhote de

1) Este sermão, de autenticidade certa, se enquadra no período da segunda regência de São Tomás na Universidade de Paris. Foi pregado nesse mesmo local em 10 de agosto de 1270 ou 2 de agosto de 1271.

2) Tradução, subtítulos e notas: Felipe de Azevedo Ramos, EP, a partir da versão latina encontrada em THOMAS DE AQUINO. *Homo quidam erat dives* (ed. Leonina, 44.1, p. 231-242). Foram cotejadas as traduções para o francês e para o inglês (em particular para a elaboração das notas) das seguintes edições: THOMAS D’AQUIN. *Sermons*. Tr. Jean-Pierre Torrell. Paris: Cerf, 2014, p. 243-260; THOMAS AQUINAS. *The Academic Sermons*. Tr. Mark-Robin Hooland. Washington: Catholic University of America Press, 2010, p. 214-232.

onagro” (Jó 11,12). Onagro é um asno silvestre que não tem dono.³ Alguns creem estar isentos do jugo e lhes parece que é permitido fazer tudo o que querem. Assim, a parábola do administrador nos é proposta para extrair de nosso coração essa perniciosa pretensão.

Ora, duas pessoas são aqui apresentadas: [1.] a pessoa do senhor, conforme o trecho: “Havia um homem rico”. A seguir se apresenta [2.] a pessoa do administrador, conforme o trecho: “Que tinha um administrador”.

1. A pessoa do senhor

Em primeiro lugar, a pessoa do senhor nos é apresentada ao dizer: “Havia um homem” etc. Três elementos devem ser notados acerca da pessoa do senhor, a saber: [1.1.] a sua condição (“havia um homem”), [1.2.] a sua posse (“rico”) e [1.3.] a sua provisão (“que tinha um administrador”).

1.1. A condição de homem

Primeiramente, abordo a condição da pessoa do senhor (“havia um homem”). Esse homem é Deus, e embora Deus seja verdadeiramente homem pela natureza humana, contudo, não está circunscrito ou limitado pela natureza divina, mas se diz homem quanto à sua natureza divina por três razões: [1.1.1.] pela semelhança, [1.1.2.] pela familiaridade e [1.1.3.] pela propriedade.

1.1.1. Pela semelhança

Em primeiro lugar, chama-se homem ao referir-se a Deus quanto à natureza divina graças à semelhança [para conosco]. De acordo com o nosso modo comum de falar, as coisas são nomeadas pelos nomes de suas imagens

3) Os onagros servem de símbolo para os homens ímpios e iracundos, que não se submetem às leis. Cf. “Como onagros do deserto, eles saem para o trabalho, procurando desde a aurora uma presa, e, de tarde, o pão para os seus filhos” (Jó 24,5); “os onagros estão nas alturas, anseiam por ar como chacais, seus olhos se obscurecem, porque não há capim” (Jr 14,6). Cf. etiam: AGOSTINHO. *Enarr. in Ps.*, 103, 3, 4 (CCL 40, 1501:2-4; PL 37, 1360); PEDRO LOMBARDO, *In Ps.*, 103, 12 (PL 191, 932 D); TOMÁS DE AQUINO. *In Iob*, 11, 6 (Leon. 26, 77:196-198): “Onager asinus silvestris est, cuius pullus ab hominis dominio liber nascitur”.

e as imagens pelos nomes das coisas. Diz o Gênesis (1,26) a respeito dessa semelhança de Deus com o homem: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”. Entre todas as criaturas inferiores, o homem tem esse privilégio de ter sido criado à imagem de Deus, não segundo o corpo, mas segundo a mente e, por isso, é preferido entre todas as criaturas. A imagem de Hércules é chamada “Hércules”, e Hércules pelo nome de sua imagem.⁴ Assim também Deus é chamado homem. Se o homem é criado à imagem de Deus, deve estar atento a se manter íntegro e puro.

Eis que temos uma imagem de Deus pintada sobre a madeira: se alguém jogasse lama ou cuspsisse nela não o chamaríamos de blasfemador? Mais ainda se corrompe a imagem criada de Deus, pois é muito mais excelente a imagem de Deus na alma do que a imagem de Cristo na madeira. Acrescenta Agostinho: “Tu és imagem de Deus e a corrompes pela fornicção e pelo transbordamento da libido, não te dás conta que ofendes a pessoa que a imagem representa”.⁵ Se essa imagem é corrompida pelo pecado, o homem deve se espoliar de toda mácula e se renovar, conforme a Epístola aos Colossenses (3,9-10; cf. Ef 4,24): “Vós vos desvestistes do homem velho com os seus atos, revesti-vos do novo homem que é renovado no conhecimento de Deus segundo a imagem daquele que o criou”. Devemos nos espoliar de todo e qualquer pecado ou mancha em nós e revestir-nos do novo homem para que o conheçamos pela mente e pelas obras.

1.1.2. Pela familiaridade

Em segundo lugar, afirma-se que Deus é homem em razão da familiaridade [conosco]. Se alguém convivesse com franceses, poder-se-ia dizer: “Por esse convívio, ele se tornou francês”. Pode-se dizer, portanto, que Deus é homem por um certo convívio e familiaridade, pois Lhe era agradável estar com os homens, conforme os Provérbios (8,31): “Encontrava minhas delícias entre os homens”. E foi-Lhe tão agradável conviver com os homens que não Lhe foi suficiente conviver com eles espiritualmente, mas quis assumir a nossa carne

4) Cf. *De ver.*, q. 23, a. 7, ad 11 (Leon. 22.3, 672:355-359): “Sicut dicimus statuam Herculis similem Herculi, sed non e converso; non enim potest dici quod Hercules habeat formam statuæ, sed solum quod statua habeat Herculis formam”.

5) AGOSTINHO. *Sermo IX*, 15 (CCL 41, 137:546-550; PL 38, 86): “Cum uero imaginem Dei, quod es tu, corrumpis in te per fornicationes et per diffluentias libidinis... non attendis per libidines illicitas fornicationis cuius imaginem uiolasti?”.

a fim de conviver corporalmente com eles. Por isso se diz em Baruc (3,38): “Depois disso apareceu sobre a terra e conviveu no meio dos homens”. Mas de que modo ele “apareceu sobre a terra”? Responde João (1,14): “O Verbo se fez carne e habitou entre nós”. Se dessa forma Deus se nos mostrou familiar, assim devemos nós nos mostrar familiares para com Ele.

Portanto, aquele que não está atento em morar junto de Deus é um ingrato. Seria uma grande presunção se o rei buscasse a familiaridade do pobre e este recusasse a familiaridade do rei. O Rei Onipotente busca a tua familiaridade. E de que modo? Conforme o afirmado no Apocalipse (3,20): “Eu estou – diz – à porta”, isto é, ante a [porta do] afeto, já que é pela vontade que entra algo no coração, “e bato”, instigando o bom propósito. “Se alguém [ouvir minha voz e] me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele”. Quando alguém abre o afeto do coração para Cristo, então Deus entra, repara-o e ele é reparado; Ele se alegra em ti e faz com que te alegres [n’Ele]. Se Deus é assim familiar conosco, devemos nos aplicar em Lhe ser familiares. Diz o salmista: “Uma coisa peço ao Senhor, e a procuro [é habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida]” (Sl 26[27],4). “O seu convívio não provoca amargura, nem a sua companhia o tédio” (Sb 8,16). Existem pessoas cujo convívio causa amargura, ao brigar e entristecer os outros. O convívio deles provoca o tédio, pois dizem coisas vãs ou desagradáveis. Nada encontrarás que se despreze em Deus; em suma, não encontrarás n’Ele nada a não ser o que agrada: todo prazer não é nada comparado com o prazer causado por Deus.

1.1.3. Pela propriedade

Em terceiro lugar, afirma-se que Deus é homem pela propriedade humana. Mas o que é próprio do homem? Ser dócil por natureza,⁶ pois o homem é naturalmente um animal social.⁷ Certos animais vivem à parte, como as feras, os leões e os ursos. Mas esta propriedade é natural ao homem, uma vez que a benignidade é também chamada de humanidade. Ademais, é chamado de “inumano” aquele que se torna pernicioso ou nocivo, como que

6) Cf. ARISTÓTELES. *Topica*, V (128b17-18). Cf. etiam: *ibid.*, V (130a28; 132a7; 138a10-11; 139a19).

7) Cf. *In Peryerm.*, I, c. 2 (Leon. 1*.1, 9:29-30). Essa expressão é de origem estoica, na realidade, para indicar que o homem seria algo além do “animal político” de Aristóteles. Enquanto a fórmula aristotélica se refere ao homem como membro da *pólis*, o “animal social” significaria algo como membro da *oikoumene*, isto é, do mundo inteiro, de toda a comunidade mundial. Sobre isso cf. THOMAS D’AQUIN. *Sermons*. Tr. Jean-Pierre Torrell. Paris: Cerf, 2014, p. 249, nota 1.

tomando a natureza de fera (como um leão ou um urso), conforme se afirma nos Provérbios (28,15): “Leão rugindo e urso pulando: é o ímpio governando um povo fraco”. Essa propriedade convém a Deus em grau máximo, pois é “compassivo com todas as suas obras” (Sl 144[145],9). Antes, Ele é a própria Bondade e Benignidade, conforme a Carta do Apóstolo a Tito (3,4): “A benignidade e a humanidade de nosso Salvador se manifestaram”.

Portanto, pela semelhança de Deus, pela familiaridade e pela propriedade, cada um de nós deve ser íntegro, devoto de Deus e benigno para com o próximo. Fica evidente desse modo que tipo de homem é este, ao dizer: “homem”.

1.2. A posse do Senhor

A seguir analisa-se a sua posse, evidenciada pelo dizer que era “rico”. Mas que tipo de posse é esta? Digo que ele foi rico em três aspectos: primeiro, [1.2.1.] em razão da perfeição da natureza; segundo, [1.2.2.] em razão da efusão de dons; terceiro, [1.2.3.] em razão da multiplicidade de coisas possuídas.

1.2.1. Em razão da perfeição da natureza

Em primeiro lugar, digo que Deus é rico em razão da perfeição da natureza. Acontece que algumas pessoas são ricas quanto aos bens possuídos, mas desprovidas quanto aos bens internos, como é o caso dos estultos que não possuem sabedoria.

Certo homem devia entregar a sua filha em casamento. Apareceram-lhe dois candidatos: um era rico em substância, mas desprovido de sabedoria; o outro era sábio, mas não era rico. Ele foi se consultar com um sábio para lhe perguntar a quem ele deveria entregar a sua filha em casamento. E ele respondeu: “Prefiro um indigente em matéria de riquezas do que riquezas indigentes de um homem”.⁸ Mas Deus é rico em si mesmo e tudo de bom que é encontrado na criatura vem d’Ele próprio.

Se buscas a ciência ou a bondade, tudo isso se encontra de modo excelentíssimo e primordial em Deus. Dessas riquezas diz o Apóstolo: “Ó

8) Cf. CÍCERO. *De officiis*, II, 20, 71 (atribuído a Temístocles).

abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus!” (Rm 11,33). Disso se deduz que, devido às infinitas e às sumas riquezas que n’Ele se encontram, devemos nos aplicar com sumo desejo em possuir a Deus.⁹

Quem conhecesse o local de um tesouro cheio de riquezas de fácil alcance, seria um estulto se não colocasse todo o seu esforço em adquirir tal tesouro. Tu podes alcançar o tesouro das riquezas que está em Deus, conforme o Evangelho: “O Reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido no campo; um homem o acha, vai, vende tudo o que possui e compra aquele campo” (Mt 13,44). Se possúis essas riquezas que se encontram em Deus, nada te falta. Donde se afirmar no livro da Sabedoria (7,11): “Com ela me vieram todos os bens”. Ademais, o Senhor disse a Moisés: “Eu te mostrarei toda a minha bondade” (Ex 33,19). Só Deus pode saciar o nosso desejo.

1.2.2. Em razão da efusão dos dons

Em segundo lugar, afirma-se que Deus é rico de acordo com a efusão e a abundância de dons. Diz-se corretamente que alguém, mesmo não sendo muito rico, tem muito para dar. Deus “dá profusamente” (Tg 1,5) e o seu tesouro não é diminuído. Diz o Apóstolo: “Deus, que é rico em misericórdia” (Ef 2,4), isto é, concede abundantemente a misericórdia, “é rico para com todos os que o invocam” (Rm 10,12). Quando alguém dá abundantemente, muitos se apresentam para dele receber as coisas. Mas se queres receber, Deus está preparado a te dar; deves, pois, apresentar-te para receber. Diz o Salmista: “Aproximai-vos dele e sereis iluminados” (Sl 33[34],6), e também no Apocalipse (22,11): “Que o santo santifique-se ainda mais”.

O homem deve desejar cada vez mais as coisas espirituais. O desejo do fim não tem limites nem tamanho, mas sim o desejo das coisas que são reguladas para o fim segundo a sua medida. Por exemplo, o fim que o médico intenciona é a saúde; os meios para esse fim são os remédios. O médico não diz: “Quero curar esta pessoa, mas não de modo perfeito”, mas sim “da melhor maneira que eu puder”. Por isso, ele não põe medida quanto ao fim. Mas se ele dissesse: “Darei para ele o remédio mais forte que posso”, cometeria assim um erro, pois os remédios são direcionados ao fim, e para eles deve haver medida.¹⁰

9) Cf. *S. Th.*, II-II, q. 161, a. 5, ad 3.

10) Cf. ARISTÓTELES. *Política*, I (1257b25-28). Cf. etiam: TOMÁS DE AQUINO. *In Política*, I, c. 8 (ed. Leon. 48, p. A105:17-21): “[S]icut ars medicinalis intendit ad sanandum in infinitum cum inducit sanitatem

Os bens da alma são fim; os bens do corpo são destinados ao fim. Por isso, devemos buscar os bens temporais segundo uma medida, mas os bens da alma devemos buscar tanto quanto podemos. Contudo, alguns que querem moderar a virtude dizem: “É-me suficiente fazer isso”. Em contrapartida, eles não querem moderar as riquezas, por isso não lhes é suficiente um benefício, mas quanto mais eles têm, tanto mais desejam; mas Deus “é rico em misericórdia” (Ef 2,4) e na efusão de seus dons. Portanto, devemos sempre nos aproximar d’Ele para receber os bens espirituais. Quanto aos bens temporais, devemos nos confiar a Ele a fim de que no-los dê, conforme lhe pareça bem conceder, pois está escrito no Evangelho: “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo” (Lc 12,31).

1.2.3. Em razão da multiplicidade de coisas possuídas

Em terceiro lugar, Deus é rico em posses, porque tudo lhe pertence. Diz o Salmista: “Do Senhor é a terra e tudo o que ela contém” etc. (Sl 23[24],1). E também: “Glória e riqueza haverá em sua casa” etc. (Sl 111[112],3) e “sendo rico, se fez pobre por nós” (II Cor 8,9). Ora, nisso devemos considerar que não devemos ter confiança nas coisas temporais, mas sim nas espirituais. Se um homem visse o servo de um outro, e esse servo lhe promettesse serviço, não deveria nisso confiar, pois aquele senhor poderia lhe impedir. Mas se o senhor daquele servo lhe promettesse que seu servo lhe serviria [ao homem], então já poderia confiar. Por isso, devemos confiar em Deus, porque ele tudo pode dar. Onde dizer o Apóstolo a Timóteo (I Tm 6,17): “Exorta os ricos deste mundo a não se julgarem sábios de modo orgulhoso”, isto é, a não ensoberbecerem nas coisas que pertencem a Deus, “e não ponham sua

quantamcumque potest, set medicinam non dat quantamcumque potest set secundum mensuram que est utilis ad sanandum”. Cf. etiam: *Quodl.* V, q. 9, a. 2 [18], resp. (Leon., 25.2, p. 383:15-23): “[I]llud enim quod queritur tanquam finis, absque mensura querendum est, in hiis autem que sunt ad finem est adhibenda mensura secundum proportionem ad finem; sicut medicus sanitatem, que est finis eius, facit quantumcumque potest perfectiorem, medicinam autem non dat quantumcumque potest maiorem, set secundum quod conuenit ad sanitatem faciendam”; *In Epist. ad Rom.*, 12, 1 (ed. Cai, 1953, I, p. 179, n. 964): “In eo autem quod quaeritur tanquam finis nulla mensura adhibetur, sed quanto maius fuerit, tanto melius se habet. In eo autem quod quaeritur propter finem, adhibetur mensura secundum proportionem ad finem, sicut medicus sanitatem facit tantum quantum potest, medicinam autem non tantum dat quantum potest, sed quantum videt expedire ad sanitatem consequendam”; *In Epist. I ad Cor.*, 11, 10 (ed. Cai, 1953, I, p. 349, n. 614): “Nam circa desiderium finis non apponitur mensura, quam necesse est apponi circa ea quae sunt ad finem. Medicus enim sanitatem inducit quanto perfectiorem potest, non tamen dat medicinam quanto maiorem potest, sed secundum determinatam mensuram”; *S. Th.*, II-II, q. 27, a. 6, co.; q. 184, a. 3, co.; q. 188, a. 7, ad 1.

esperança na riqueza incerta”, mas no Deus vivo que concede todas as coisas generosamente (cf. Tg 1,5). N’Ele está o começo da esperança.

Deus é, portanto, rico em três modos. Fica patente qual seja a sua condição e sua posse.

1.3. A provisão do senhor

Vejam os que as posses são evidentes quando diz “que tinha um administrador”. Mas quem é este administrador? Respondo que o administrador é aquele que administra uma propriedade. É verdade que Deus, por seu poder, poderia fazer todas as coisas por si mesmo, mas não quis. Antes, confiou a outros a administração e reservou para si o governo. Também quis que outros administrassem para que se preservasse a beleza da ordem e a perfeição do universo. Imagine se cada um não necessitasse do outro, não haveria beleza no universo, conforme o Salmista: “Ó Senhor, quão magníficas são as vossas obras! Fizeste todas com sabedoria, a terra está cheia das coisas que criastes” (Sl 103[104],24).

1.3.1. Deus quer governar por si mesmo

Ademais, quis Ele governar todas as coisas por si mesmo com vistas à utilidade, porque nada quis que fosse inútil. Nesse sentido, diz o livro da Sabedoria (cf. 14,4-5): “Porque és poderoso, tudo podes salvar – e continua – para que não sejam inúteis as tuas obras, pois os homens confiam as suas próprias almas por um pouco de madeira”. Por que Deus fez o Sol? Para que não nos faltasse o seu calor e a sua luz. Ora, se ele não tivesse utilidade seria inútil. Tu também és supérfluo se não tens utilidade no mundo. Diz Jó: “Será que foi em vão ter criado os filhos dos homens?” (na realidade: Sl 88[89],48), como que dizendo “não”. Além disso, o Senhor ordenou lançar o “servo inútil” nas trevas exteriores (cf. Mt 25,30). Então, o que se dirá do servo nocivo?

1.3.2. Deus quer confiar a administração

Ademais, Deus quis confiar a outros a administração por sua liberalidade. Quis Deus que a bondade de uma coisa fosse transmitida a outras. Afirma Dionísio que nada é mais divino do que tornar-se cooperador de Deus,¹¹ e quando pregas a salvação das almas ou fazes outras coisas boas, então cooperas com Deus. Donde dizer o Senhor a Moisés: “Eu te constitui um deus para o Faraó” (Ex 7,1).

Diz-se “que tinha um administrador”. Mas quem são os administradores? Respondo que Deus constituiu administradores de diversas ordens.

1.3.2.1. Os anjos como administradores

Em primeiro lugar, constituiu os anjos para administrarem por cima de toda criatura. Por isso, afirma Agostinho: “Todos os corpos são guiados por criatura espiritual”.¹² Acrescenta o Apóstolo: “Não são eles todos administradores do Espírito [enviados para o ministério daqueles que devem herdar a salvação?]” (Hb 1,14). Esses são os grandes bailios.¹³

1.3.2.2. Os homens como administradores

Existem bailios grandes e também pequenos, que são prepostos em coisas terrenas. Neste sentido está escrito no Gênesis (1,26): “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, para que ele domine sobre os peixes, bestas e aves” e, em síntese, sobre todos os seres. Diz o Salmista: “Sujeitaste tudo sob seus pés” (Sl 8,8[7]), mas “sabei que só o Senhor é Deus” (Sl 99[100],3). Por isso, afirma o Crisóstomo: “Tu és estrangeiro e os direitos que te são conferidos são transitórios e de breve utilidade”. E aponta dois exemplos, ao dizer: “Tens apenas um campo ou um terreno; considere que já existiram infinitos donos antes de ti, e que nem de longe contém todos os pedaços de terra. Da mesma forma acontece contigo quando alguém repousa à sombra; tu

11) Cf. PSEUDO-DIONÍSIO. *De caelesti hierarchia*, c. 3, 2 (CD II, p. 18, 15-16; PG 3, 165B; *Dionysiaca*, II, p. 791).

12) AGOSTINHO. *De genesi ad litteram*, VIII, 23 (CSEL 28/1, p. 262:17-21; PL 34, 390).

13) Do francês antigo “baile”, isto é, governador. Conforme o dicionário *Houaiss* [CD-ROM, 3.0]: “Na baixa Idade Média, representante do rei nas províncias, que tinha o poder de fiscalizar os funcionários locais, convocar a nobreza e seus soldados para o serviço militar, arrecadar impostos e reunir a corte judicial pelo menos quatro vezes por ano, no território sob sua jurisdição, chamado bailiado”.

partes e vem outro descansar no teu mesmo lugar. Assim acontecem as coisas no mundo para ti: segundo a Divina Providência e não a tua”.¹⁴ Portanto, és administrador, não um senhor.

1.3.2.3. Os santos como administradores

Ademais, existem bailios intermédios entre os homens e os anjos, que estão sobre os homens e são prepostos deles. Diz o Apóstolo: “Assim nos considere o homem” (I Cor 4,1), como prepostos e administradores. Dessa forma, o Senhor suscitou ministros gloriosos, a saber, os bem-aventurados Domingos e Francisco que administram a salvação dos homens. E essa foi a particular missão deles: para que os homens sejam conduzidos à salvação. Ora, todos os santos buscaram administrar a salvação dos homens, e glorioso é o fruto de seus bons labores. Por isso, estão eles gloriosos na pátria celeste, à qual possa nos conduzir o Filho de Deus. Amém.

Collatio in sero

“Havia um homem rico” etc.

Como foi dito hoje, duas pessoas estão introduzidas nessas palavras, a saber: a pessoa do senhor e a pessoa do administrador. Sobre o senhor algo já foi dito; falemos agora sobre o administrador.

2. A pessoa do administrador

Também podemos considerar três coisas a respeito do administrador, a saber: [2.1.] a sua função, pois era um administrador; [2.2.] o seu abuso, pois dilapidou os bens do senhor; e [2.3.] o seu perigo, pois foi denunciado.

2.1. A sua função

Disse que os administradores administram tanto quanto os anjos e os homens. E porque somos homens, dizemos que é o homem que se encarrega

14) Na realidade: ASTÉRIO DE AMASEIA. *Homilia II, De oeconomio iniquitatis* (PG 40, 180-193). Encontra-se entre os escritos espúrios de Crisóstomo: *Homilia de parabola villici* (PG 61, 785-788).

do cuidado da distribuição dos bens. O Senhor confiou três bens ao homem: [2.1.1.] ele mesmo, [2.1.2.] os bens espirituais e [2.1.3.] as coisas exteriores.

2.1.1. Confiou o homem a si mesmo

Em primeiro lugar, digo que o Senhor confiou o homem a si mesmo. Essa é a diferença entre o homem e os outros animais: o Senhor deu ao homem o poder sobre si mesmo. O homem pode, pois, fazer de si o que quiser, ao passo que os outros animais são movidos pelo instinto natural. Por isso está escrito no Eclesiástico (15,14): “Desde o princípio Deus criou o ser humano e o entregou às mãos do seu arbítrio”. Se tu tivesses confiado algo a alguém, exigirias dele o cuidado; caso contrário, não. Se um leão mata um ser humano, Deus não o pune, porque não lhe foi confiado o cuidado sobre si mesmo. Pergunta o Apóstolo: “Acaso Deus se preocupa com os bois?” (I Cor 9,9). Contudo, Deus confiou o homem a si mesmo e por isso deve prestar contas a Ele. Donde afirmar o Eclesiástico (na realidade: Ecl 11,9): “Segue no caminho de teu coração” – isto é, segundo os desejos da tua vontade – “conforme os olhares de teus olhos” – isto é, segundo o intelecto – “e fica sabendo que por tudo isso o Senhor te pedirá contas no juízo”.

2.1.2. Confiou os bens espirituais

Em segundo lugar, Deus confiou os bens espirituais ao homem, porque ele está no poder de usufruir dos bens espirituais, os quais podem ser bem ou mal utilizados. Por isso está escrito no Evangelho: “Um homem viajando para o estrangeiro chamou os seus servos e entregou-lhes os seus bens” (Mt 25,14), a saber, os bens espirituais. E lhes disse: “Fazei-os render até que volte” (Lc 19,13). Se tu tens caridade podes deles fazer bom ou mau uso, mas terás que prestar contas disso. Donde afirmar o Apóstolo aos Coríntios (I Cor 14,32): “Os espíritos dos profetas estão submissos aos profetas”. E disso é necessário prestar contas. Acrescenta Gregório: “Quanto mais crescem os dons, tanto mais crescem as contas deles a prestar”.¹⁵

15) GREGÓRIO MAGNO. *Homilia in Evangelio*, IX, 1 (CCL 141, 58:3-4; PL 76, 1106A). Cf. etiam: *In Sent.*, III, d. 29, a. 8, q. 3, arg. 1; *In Sent.*, IV, d. 13, q. 1, a. 2, q. 1, resp.; *Sermo XIII*, “*Homo quidam fecit cenam*”, v. 411-412.

2.1.3. Confiou os bens exteriores

Em terceiro lugar, Deus confiou os bens exteriores ao homem, a fim de que deles se utilizasse. Diz o Salmista: “Sujeitaste tudo sob seus pés” etc. (Sl 8,8[7]). Por isso, debes prestar contas. Se algum senhor te confiasse os bens dele, seria necessário que tu lhe rendesses conta deles no fim do ano. Assim também Deus, no fim de tua vida, exige contas do que te foi ofertado. Nesse sentido, afirma-se contra os maus na epístola canônica de Tiago (5,1): “Agora vós, ricos, chorai e gemei por causa das desgraças que estão para vos sobrevir”. E continua: “Eis que o juiz já está à porta” (Tg 5,9).

2.2. O abuso da função

Ficou esclarecido acerca da função do administrador. Analisemos agora acerca de seu abuso, que é evidenciado ao dizer: “Dissipou os bens dele”. Mas de que forma o administrador dissipa os bens de seu senhor? De três modos: Primeiro, [2.2.1.] pela usurpação; segundo, [2.2.2.] pela retenção indébita; terceiro, [2.2.3.] pela distribuição supérflua e pródiga.

2.2.1. Pela usurpação

Primeiramente, digo que o administrador dissipa os bens de seu senhor pela usurpação. Por exemplo: imaginemos que o senhor confiou uma fazenda ou outros bens ao administrador. Ora, se este não quisesse se utilizar da fazenda em benefício de seu senhor, mas se apropriar dela para si, então ele poderia ser chamado de ladrão. Deus te confiou a ti mesmo, não para que sejas teu, mas para que sejas d’Ele e busques a glória de Deus e não a tua. Afirma o Apóstolo: “Procura apresentar-te a ti mesmo a Deus como um trabalhador provado e irrepreensível” (II Tm 2,15). Contudo, alguns não se reconhecem como servos de Deus, mas se reputam a si mesmos livres, quando dizem aquelas palavras de Jó (21,15): “Quem é o Onipotente, para que O possamos servir”?

2.2.1.1. Da ciência

Da mesma forma, se Deus te deu ciência ou virtude, para que as teria dado a ti senão para que O servisses e Lhe prestasses glória? Nesse sentido, está escrito no Eclesiástico (51,23): “Darei glória a quem me deu sabedoria”. Diz Hilário: “Pai Onipotente, sou consciente que a função principal de minha vida é entregar-me a Ti, para que todas as minhas palavras e sentimentos falem de Ti”.¹⁶ Outros, contudo, que não são como estes, disseram: “Os nossos lábios são nossos; quem é o nosso senhor?” (Sl 11[12],5). Se sabem discutir bem ou ensinar, desejam por meio disso atacar a Deus e à fé, conforme Isaías (3,8): “A língua deles e suas astúcias se voltaram contra o Senhor”.

2.2.1.2. Da honra

Assim também Deus te dá riquezas para que as convertas em sua honra. Nesse sentido, Davi diz a Ele: “Todas as coisas são tuas e Te ofertamos o que recebemos de tua mão” (I Cr 29,14). E contra aqueles que reputam que todas as coisas pertencem a eles, e não a Deus, diz Jó (22,17-18): “Eles se comportaram como se o Onipotente não pudesse fazer nada, ao passo que era Ele que lhes enchia as casas de bens”. Acrescenta Isaías (24,5): “Eles romperam a aliança eterna”, o que significa que todas as criaturas devem existir para a glória de Deus.

O administrador dissipa, portanto, os bens de seu senhor pela usurpação.

2.2.2. Pela retenção indébita

Mas pode acontecer que o administrador ou dispensador dissipe os bens de seu senhor ao retê-los de modo indébito. Quem deveria vender o vinho e o retém até que ele se corrompa, dissipa os bens de seu senhor ao retê-los de modo indébito. Cuidar de ti mesmo não significa cuidar apenas de ti e preocupar-te apenas por ti mesmo. Da mesma forma, o olho não foi feito

16) HILÁRIO DE POITIERS. *De Trinitate*, I, 37 (CCL 62, 35:1-3; PL 10, 48C). Cf. etiam: SCG, I, c. 2 (Leon. 13, 6b).

apenas para si mesmo, mas para servir ao corpo inteiro. Disse certo ancião: Porque “sou homem, nada de humano me é estranho”.¹⁷

2.2.2.1. Da graça

Da mesma forma recebeste a graça de Deus. Crês que, porque a tens, apenas para ti a tens? Claro que não. Assim como o Sol não tem a claridade apenas para si mesmo, mas para que a difunda para os outros seres, assim também Deus te deu a graça para que a dispenses para os outros. Por isso diz São Pedro (I Pd 4,10): “Cada um de vós, conforme a graça recebida, colocai-vos como administradores uns dos outros como bons dispensadores” de Cristo. Também o sábio diz: “O que aprendi sem maldade, comunico-o sem inveja” (Sb 7,13).

2.2.2.2. Dos bens temporais

Também deves compartilhar com os outros os bens temporais, não os conservando apenas para a tua utilidade. Comenta o Apóstolo: “Aos ricos deste mundo, exorto a não desejar estar por cima” e a que “partilhem com facilidade” (I Tm 6,17-18). Comenta o Filósofo que as melhores cidades são aquelas nas quais os bens possuídos são distintos, mas o seu uso é comum.¹⁸ Está dito em Joel (1,17): “Os celeiros foram demolidos e o trigo aniquilado”, o que literalmente significa “corrompido”. Por isso, lê-se na epístola canônica de Tiago (5,2): “As vossas riquezas apodreceram e as vossas vestes estão carcomidas pelas traças” etc.

Diz Basílio: “Os homens costumam falar: ‘Deus não é justo’. Então Deus é injusto? Ele não é injusto se ele nos dispensa as coisas de modo desigual. Por que então tu abundas de bens enquanto que o outro mendiga? Não seria senão para que tu, ao dispensares os bens, alcances os prêmios da vida e que o outro seja coroado com os galardões da paciência? Mas tu não és um predador se te aproprias das coisas que te são confiadas? Tu carregas o pão dos pobres, conservas sob chave a túnica dos nus, deixas deteriorar contigo o calçado do descalço, guardas a prata do indigente nas profundezas da terra. A respeito de

17) TERÊNCIO. *Heautontimoroumenos* [*O atormentador de si mesmo*], I, 1: “Homo sum: nihil humani a me alienum puto”.

18) Cf. ARISTÓTELES. *Politica*, II (1263a25-40). Cf. etiam: *In Pol.*, II, c. 4 (Leon. 48, A132:104-150); *S.Th.*, I-II, q. 105, a. 2, co.

tudo isso, poderias cometer tantas injustiças quanto possibilidade de oferecer os bens”.¹⁹

2.2.3. Pela distribuição pródiga

Outros administradores são dispensadores ou dissipadores pela distribuição pródiga.

2.2.3.1. Por prazer medíocre

Em primeiro lugar, eles se entregam prodigamente a si mesmos ao diabo por um prazer medíocre. Em oposição a eles afirma os Provérbios (5,9): “Para que não dês as tuas honras a outros e os teus anos à gente cruel”.

2.2.3.2. Em troca de coisas triviais

Outros vendem a graça que possuem em troca de coisas triviais. Contra os quais se diz: “Não atireis as coisas santas aos cães” (Mt 7,6). Eles dão as coisas temporais aos histriões, mas não dariam nada ao homem reto. Contra eles se diz: “Faze o bem ao justo e não recebas o pecador” (cf. Eclo 12,5). Ou seja, quando faz bem ao pecador, fá-lo para estimular nele o pecado. Lê-se que o filho pródigo gastou parte de seu pecúlio “vivendo na luxúria” (Lc 15,13). Oxalá que muitos não percam a sua alma dessa forma.

Ficou esclarecido acerca da função do administrador e do seu abuso. Analisemos agora acerca do perigo do administrador.

3. O perigo do administrador

Parece-nos que o perigo dele é tríplice. Primeiro, [3.1.] pela denúncia, pois se diz que “foi denunciado”. Segundo, [3.2.] pela perda da função, pois se diz: “Já não podes mais ser administrador” (Lc 16,2). Terceiro, ocorre perigo para o administrador, [3.3.] quando ele não pode mais se sustentar, donde dizer: “Cavar? Não consigo. Mendigar? Tenho vergonha...” (Lc 16,3).

19) BASÍLIO MAGNO. *Homilia VI super Luc.*, 12, 18 (PG 31, 276C-277A). Cf. *Cat. in Luc.*, 12, 18; *S. Th.*, II-II, q. 32, a. 5, ad 2; q. 66, a. 2, ad 2; q. 117, a. 1, ad 1; q. 118, a. 4, arg. 2.

3.1. Pela denúncia

Primeiramente, existe perigo ao administrador ou ao dispensador pela denúncia. Certa pessoa tinha muitos bens; chega a morte e seus pecados não ficam escondidos. Quem o denunciou? A sua consciência, bem como os santos e o próprio Deus, a quem “tudo está nu e descoberto” (Hb 4,13).

3.2. Pela perda da função

Ademais, existe perigo para o administrador pela perda da função, porque dele se diz: “Já não podes mais ser administrador” (Lc 16,2). Tiveste ciência e dinheiro? Chega a morte e já não poderás mais possuí-los. Diz o Salmista: O rico “ao morrer não levará consigo todas as coisas” (Sl 48,18), isto é, não levará nada. Jó (1,21) acrescenta: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá”.

3.3. Pela impossibilidade de auxílio

Poderias talvez dizer: “Poderei adquirir algo para mim”. Claro que não, pois não poderás te sustentar, pois diz: “Cavar? Não consigo. Mendigar? Tenho vergonha...” (Lc 16,3). A esse respeito diz o Eclesiástico (na realidade: Ecl 9,10): “Tudo o que te vem à mão para fazer, faze-o conforme a tua capacidade, pois no inferno para onde vais, não existe obra, nem razão, nem conhecimento e nem sabedoria”. Talvez poderias dizer: “Rogarei à Bem-Aventurada Virgem e aos santos para me ajudarem”. Certamente já não haverá mais lugar nem tempo para mendigar, pois se diz: “Mendigar? Tenho vergonha...” As virgens loucas quiseram mendigar, contudo nada lhes foi dado, mas “as que estavam preparadas entraram para o banquete de núpcias” (Mt 25,10) com o esposo.²⁰

20) Cf. ASTÉRIO DE AMASEIA. *Homilia II, De oeconomio iniquitatis* (PG 40, 193A). Cf. etiam: *Cat. in Luc.*, 16, 3.

3.4. Remédios para o perigo

O administrador está, pois, em perigo; mas qual é o remédio? Se alguém tiver algum processo diante do juiz e for acusado de um crime que seja manifesto, qual conselho mais salutar a ser dado? Respondo que o conselho mais salutar seria o que o rei desse para ele. Em outras palavras, se o rei lhe dissesse: “Faça isso e serás libertado”. Esse seria o conselho mais salutar. Cristo te dá um conselho: quando alguns são denunciados e não podem mais administrar, nem podem cavar ou mendigar, devem seguir o conselho de Cristo, que diz: “Fazei amigos com a mamona²¹ da iniquidade a fim de que, quando faltar, eles vos recebam nas tendas eternas” (Lc 16,9). Mas que conselho é esse sobre a mamona? Este é o conselho que Daniel deu a Nabucodonosor ao dizer: “O meu conselho agradou ao rei: redime teus pecados através da esmola” (Dn 4,24).

Fala-se a respeito da “mamona da iniquidade”. Mas então devemos dar riquezas ilícitas, como o furto, aos pobres? É claro que não, pois argumenta Agostinho no livro *Sobre a palavra do Senhor*: “Não queiras imaginar que o Senhor é como o homem que desprezas”.²² E o Senhor diz: “Eu odeio a rapina nos campos” (cf. Is 61,8).

É costume explicar ou compreender a “mamona da iniquidade” de quatro modos.

Em um modo, Basílio, ao explicar a “mamona da iniquidade”, afirma que as riquezas são iniquidades.²³ Com efeito, é raro acontecer que alguém tenha riquezas sem que tivessem sido adquiridas ilicitamente por seus antecessores.

Agostinho diz que as riquezas são chamadas de “mamona da iniquidade” porque os iníquos as estimam.²⁴

Ou ainda são chamadas de “mamona da iniquidade” porque conduzem à iniquidade.²⁵

21) Aqui a palavra tem o sentido equivalente a Lc 16,13: “Não podeis servir a Deus e a Mamona” (isto é, ao dinheiro em sua personificação, idolatrado).

22) AGOSTINHO. *Sermo CXIII*, 2 (PL38, 649). Cf. *Cat. in Luc.*, 16, 9.

23) Cf. BASÍLIO MAGNO, apud *Cat. in Luc.*, 16,9. Cf. etiam: *S. Th.*, II-II, q. 32, a. 7, ad 1.

24) Cf. AGOSTINHO. *Quaestiones Evangeliorum*, II, 34, 2 (CCL 44B, 85:25-29; PL 35, 1349): “Mammona uero iniquitatis ob hoc a domino appellata est ... quia mammona diuitiae interpretantur, nec sunt istae diuitiae nisi iniquis, qui in eis constituunt spem atque copiam beatitudinis suae”. Cf. etiam: *Cat. in Luc.*, 16, 9; *S. Th.*, II-II, q. 32, a. 7, ad 1.

25) Cf. AMBRÓSIO DE MILÃO. *In Lucam*, VII, 245 (CCL 14, 297:2648-2650; PL 15, 1854C): “Pulchre autem iniquum mamona dixit, quia uariis diuitiarum inlecebris nostros auaritia temptabat adfectus, ut

Crisóstomo defende que as riquezas são chamadas de “mamona de iniquidade” porque são conservadas de modo iníquo.²⁶ Tens uma renda de 20 ou 40 libras guardadas como um tesouro, distribua-as ao menos no momento da morte.

Mas a quem devem elas ser distribuídas? Certas pessoas estão preocupadas por si mesmas quanto à fama. Cristo diz: “A fim de que, quando faltar, eles vos recebam nas tendas eternas” (Lc 16,9). Agostinho conjuga duas palavras dos ditos de Cristo e do administrador. Diz o administrador: “A fim de que quando eu for removido [de minha função], eles me recebam em suas casas”; já o Senhor diz: “nas tendas eternas”. Portanto, devemos distribuir [as riquezas] àqueles que se encontram nas tendas eternas. Agostinho diz: “Quem são esses que estão nas tendas eternas senão os santos de Deus? Quem são aqueles que por eles são recebidos nas tendas eternas senão aqueles que os serviram em suas necessidades e cuja obra foi felizmente realizada? Estes são os pequeninos de Cristo que abandonaram tudo para o seguir (Lc 5,11; cf. Mt 4,20.25; Lc 5,28)”.²⁷

Então devemos dar esmolas aos pecadores? Respondo que em igualdade de condições é melhor dar ao justo que ao pecador, pois dando ao justo a obra que fazes é meritória tanto para ti quanto para aquele que recebe. Mas isso não acontece com o pecador, antes, é meritória apenas a obra que fazes, mas não a que ele faz. Diz Crisóstomo: “De grande importância é a esmola, a arte das artes. Ela não constrói, pois, casas de barro para nós, mas compra-nos a vida eterna”.²⁸ Que Ele possa se dignar em nos garanti-la etc.

uellemus seruire diuitiis”. Cf. etiam: *Cat. in Luc.*, 16, 9; *S. Th.*, II-II, q. 32, a. 7, ad 1.

26) Cf. na realidade: TEOFILATO. *In Luc.*, 16 (PG 123, 965). Cf. etiam: *Cat. in Luc.*, 16, 9.

27) AGOSTINHO. *Sermo CXIII*, 1 (PL 38, 648). Cf. *Cat. in Luc.*, 16, 9.

28) JOÃO CRISÓSTOMO. *Hom. in Matth.*, 52[53] (PG 58, 522). Cf. *Cat. in Luc.*, 16, 9.